

Terapia de célula-tronco é destaque na Europa

Tasso Marcelo/AE

Pesquisa brasileira é uma das atrações do Congresso Europeu de Cardiologia, em Viena

LIGIA FORMENTI

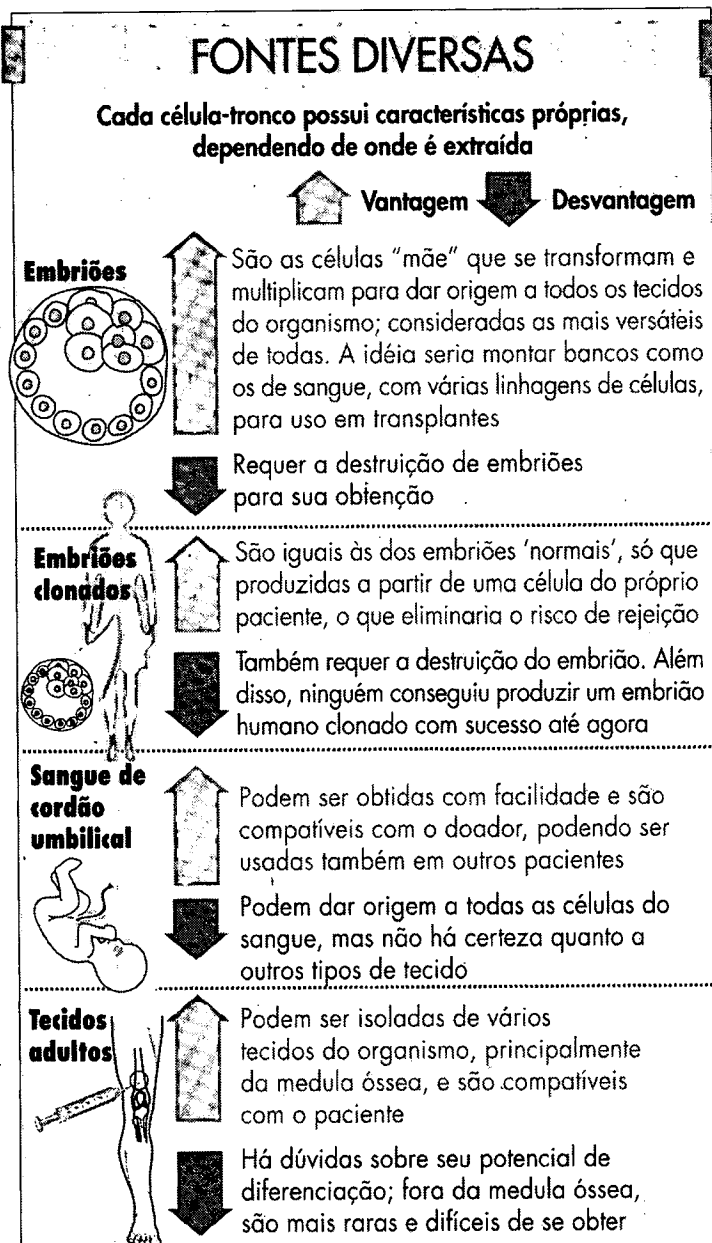
VIENA – O médico cardiaca Hans Fernando Rocha Dohmann enfrenta esta semana uma maratona de apresentações no Congresso da Sociedade Européia de Cardiologia, em Viena. São três trabalhos mostrando que o transplante de células-tronco é seguro e eficaz. “As doenças cardiovasculares lideram as causas de mortalidade em todo o mundo. Mas as células-tronco podem inaugurar uma nova era no tratamento cardiovascular”, disse o pesquisador.

O estudo de maior impacto analisou a situação de um número reduzido de pacientes, cinco pessoas que apresentavam insuficiência cardíaca grave e estavam na fila para transplante de coração. Enquanto esperavam, concordaram em fazer o tratamento que usa células-tronco adultas extraídas do próprio paciente. Seis meses depois, quatro deles estavam em condições tão boas que foram dispensados do transplante.

Artérias – Dohmann admitiu que ainda não há pesquisas que expliquem os mecanismos dessa recuperação. Ele atribuiu, porém, a mudança à formação de artérias minúsculas em áreas onde antes não havia irrigação sanguínea. O Hospital Pró-Cardíaco, no Rio, é o primeiro centro no mundo a empregar a técnica de transplante autólogo (que usa células do próprio paciente) de células-tronco em seres humanos. A primeira experiência foi feita em 2001 e hoje o centro já tratou de 25 casos.

O tratamento, feito em poucas horas, começa com a retirada de células-tronco da medula óssea. Essas células têm a capacidade de adquirir características de células de várias – mas não todas – partes do corpo. Isso se dá mediante o estímulo do ambiente em que estão inseridas.

Depois de retiradas, as células-tronco são injetadas no músculo cardíaco do paciente, em áreas escolhidas pelos cardiologistas. “Escolhemos pontos livres de fibrose – que em tese po-



deria prejudicar a formação de novas artérias – e onde não há circulação sanguínea.”

Outro trabalho apresentado por Dohmann ampliou a observação para 21 pacientes: 14 fizeram o transplante e 7 foram apenas acompanhados, para efeito de comparação (grupo-controle). Em um ano, houve uma morte no grupo-controle e duas no que se submeteu à terapia. O médico, porém, sustentou que essas duas mortes não podem ser atribuídas à terapia.

“Isso porque a mortalidade esperada para esse grupo de pacientes é de 53% num período de seis meses.”

Depois de um ano, pacientes tratados tiveram a área de obstrução sanguínea reduzida em 71%. No grupo-controle, ocorreu o contrário: aumento da área sem irrigação. As altera-

ções trouxeram melhora significativa na qualidade de vida dos pacientes, conforme outro estudo que será apresentado no congresso (veja texto ao lado).

Dohmann acredita que pacientes terão, no futuro, de fazer um novo transplante. “A insuficiência cardíaca é resultado de um problema metabólico, que continua. Por isso, certamente chegará um ponto em que a obstrução voltará. É o que às vezes acontece, por exemplo, com o cateterismo.”

O Pró-Cardíaco vai começar a aplicar a técnica de transplante autólogo de células-tronco em pessoas que acabaram de sofrer enfarte. Os trabalhos têm data marcada para começar: 6 de outubro. O voluntário vai se submeter ao tratamento padrão para enfarte (angioplastia) e, dois dias depois, ao transplante. A técnica já está sendo usada por dois grupos de pesquisa da Alemanha.

■ A repórter viajou para a Áustria a convite do laboratório Servier

TÉCNICA
SERÁ USADA
EM VÍTIMAS
DE ENFARTE